

# Uma revolta na Amazônia

Márcio Souza põe de lado sátira que marcou seus romances para escrever um épico histórico

Ismar Ingber - 14/8/92

■ Lealdade  
Márcio Souza  
Marco Zero, 208 páginas  
RS 16

MARIO PONTES

O novo livro de Márcio Souza, *Lealdade*, abre-se com uma epígrafe irônica de Stendhal sobre fatalidades geográficas da literatura, e uma dedicatória do autor a Érico Veríssimo: quatro palavras e nenhuma justificação. Aos poucos, no entanto, o próprio livro parece encarregar-se de explicar porque o escritor amazonense, dissimulando a reverência na ambigüidade de um verbo, consagra seu romance ao mestre riograndense.

*Lealdade*, como se anuncia na sua folha de rosto, é o Livro I de um quarteto que leva o título geral de *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*. E neste caso não há ambigüidade a ser esclarecida: estamos diante de um romance decididamente realista, que mediante a narração de fatos cronologicamente ordenados, procura resgatar alguns momentos cruciais (ou segmentos inteiros, quem sabe) da história social e política do território que é hoje a Amazônia brasileira. Diante desse propósito anunciado, será abusivo ler a dedicatória a Érico como uma sugestão de que as *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro* pretendem ser, à sua medida e à sua maneira, uma contrapartida amazônica de *O tempo e o vento*?

Teremos de esperar os próximos volumes para ter a resposta, pois nada se adianta, em *Lealdade*, sobre o alcance temporal da tetralogia. No momento, podemos apenas conjecturar, imaginar, por exemplo - com base no desenrolar dos acontecimentos e na suspensão da narrativa em meio a um diálogo premonitório -, que no horizonte do próximo livro veremos levantar-se a fumaça dos combates da Cabanada. O que, aliás, é imaginar alto, pois, em termos de duração, complexidade de motivações, envolvimento de classes e disputa de hegemonias, a Cabanada foi um movimento muito mais surpreendente do que costumam informar os manuais de história. E ainda está à espera do seu grande romancista.

Captar a dimensão histórica dos fatos tem sido um dos interesses maiores da obra de Márcio Souza. Remota ou recente, a história é a coluna dorsal da maioria dos seus livros. Isso nos permite observar que a diferença entre o seu romance *a* e o seu romance *b* está na resistência ou na rendição dos acontecimentos reais às exigências da inquieta imaginação do autor.

As várias obras que a Amazônia fronteiriça com a Bolívia inspirou a Márcio Souza nos oferecem um bom gráfico das variações dessa luta entre realidade e fantasia na sua criação literária. No primeiro round, com a peça *Plácido de Castro contra o Bolivian Syndicate*, ganhou por pontos a história real da conquista do Acre pelos seringueiros. Já o romance *Galvez Imperador do Acre*, embora tenha na origem uma figura real e um episódio por ela realmente protagonizado, se constrói de modo francamente oswaldiano, escancarando o desconexo, o grotesco, o absurdo da situação. O desempate veio com *Mad Maria* (passado onde hoje é o estado de Rondônia): os fatos históricos voltam a reinar; não obstante o lado absurdo da estrada de ferro de que trata o romance, o que a narrativa põe em relevo é o seu aspecto trágico.

*Lealdade* sai dessa gangorra. Nem é o deboche dos delírios de

Mário Pontes é jornalista, escritor e tradutor



No romance *Lealdade*, Márcio Souza fala de um personagem real da revolta contra Portugal na Amazônia

um conquistador fora de esquadro, nem a denúncia da construção de uma ferrovia assentada para transportar apenas um passageiro: a morte. Assim como as cinco histórias de *A caligrafia de Deus* representaram a primeira viagem de Márcio Souza à literatura psicológica, *Lealdade* é o primeiro épico em sua produção romanesca; o primeiro romance em que o drama da coragem não divide o espaço com a farsa. Aqui se reverenciam os fatos de uma revolução e os feitos do seu herói; o ficcionista limita-se a selecioná-los e enfatizá-los poeticamente.

A leitura de *Lealdade* leva a crer que na tetralogia volta e meia encontraremos Márcio Souza à procura de uma síntese de tudo aquilo que a sua ficção vem expressando sobre a Amazônia de modo fragmentário e até desarmônico. A paixão pela Amazônia subjaz, praticamente, a toda a obra de Márcio Souza. Não o *Inferno verde* da virada do século, mas a Amazônia concebida como um mundo perdido, que ele tenta por todos os meios

reencontrar, o que de certa forma significa defendê-la de interesses ilegítimos, da cobiça de aventureiros, dos estragos de guerreiros da fortuna, das meias verdades de cientistas de duvidosa ciência. Em *Lealdade*, a síntese parece estar despontando, por enquanto sob a forma de uma sabedoria amarga, que nos é passada principalmente pela voz do protagonista e narrador, o coronel Fernando Simões Correia.

Paraense de nascimento, Correia se forma em Portugal, à sombra protetora de Alexandre Ferreira, o naturalista que se celebrizou pelas suas "expedições filosóficas" à Amazônia. Correia volta ao Brasil na mesma ocasião em que, acossado pelas tropas de Junot, Dom João VI traz a corte para o Rio de Janeiro. Nosso herói não morre de amores por Portugal, mas jurou servi-lo como militar, e mantém a palavra empenhada mesmo quando os seus melhores amigos aderem ao movimento pela independência. Mas, por fim, chega a vez da

sua conversão, tardia e radical. Ele se torna o líder militar da luta pela expulsão dos portugueses, e a partir daí sua vida se transforma numa perpétua e perigosa aventura.

O romance nos deixa no meio de uma peripécia que não sabemos aonde levará o herói. Sabemos apenas - e não sem alguma surpresa - que para Fernando Correia a independência é ao mesmo tempo uma vitória e uma derrota: pois com ela morreu o sonho de elevar a ex-colônia do Grão-Pará e Rio Negro à condição de república europeizada entre as florestas e as águas da Amazônia. Em vez da utópica república, o Grão-Pará tornou-se mera província do Brasil.

Os manuais de história passam a pulos de canguru por cima desse desfecho, cujo lado melancólico só um romancista é capaz de desenranhar dos fatos e oferecê-lo à nossa reflexão. Por um momento cuja duração ignoramos, Márcio Souza abdica do seu veio satírico aparentemente inesgotável; mas não do hábito de pôr à prova a sensibilidade do leitor.